

Grupos comunitários de mulheres como forma de enfrentamento da violência estatal e de gênero: Uma experiência no contexto da extensão universitária

Júlia Rodrigues Tarragô¹

Resumo: Trata-se de relato de extensão que visa explorar o papel dos grupos comunitários de mulheres como alternativa ao enfrentamento da violência de gênero e estatal, com base na análise das experiências iniciais do projeto de extensão "EnCorPA - Corpos, Política e Autonomia", desenvolvido na UFSM. Discute-se também como iniciativas dessa natureza auxiliam na formação de redes de apoio, fortalecimento da autonomia e resistência coletiva. O estudo adota uma abordagem interseccional e situada, dialogando com o pensamento feminista, criminológico crítico e com a pedagogia libertadora de Paulo Freire e do conhecimento situado de Donna Haraway. Além disso, fundamenta-se em reflexões sobre os feminismos criminológicos, conforme proposto por Fernanda Martins (2021), para problematizar o papel do Estado e as possibilidades de resistência fora da lógica penal.

Palavras-Chave: Feminismo; Extensão Universitária; Autonomia; Violência.

Abstract: This university extension report aims to explore the role of community women's groups as an alternative to confronting gender and state violence, based on an analysis of the initial experiences of the extension project "EnCorPA - Bodies, Politics and Autonomy", developed at UFSM. It also discusses how initiatives of this nature help to form support networks, strengthen autonomy and collective resistance. The study adopts an intersectional and situated approach, dialoguing with feminist thinking, critical criminology, Paulo Freire's pedagogy of freedom and Donna Haraway's situated knowledge. It is also based on reflections on criminological feminisms, as proposed by Fernanda Martins (2021), in order to problematize the role of the state and the possibilities of resistance outside of penal logic.

Keywords: Feminism; University Extension; Autonomy; Violence.

1. Introdução.

Os movimentos feministas historicamente se estruturaram a partir da organização coletiva de mulheres, criando espaços de resistência e troca de saberes. bell hooks (2018) enfatiza a importância histórica desses espaços para o fortalecimento da consciência crítica, retomando o pensamento beauvoiriano ao afirmar que "não se nasce feminista, torna-se". Nesse contexto, os grupos comunitários surgem como potencial de intervenção política no enfrentamento da violência de gênero, por meio do apoio mútuo e do desenvolvimento de estratégias de cuidado e autodefesa.

¹Graduanda em Direito pela Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista de Extensão ODH/CV (Observatório de Direitos Humanos/Casa Verônica) da UFSM; Email: julia.tarrago@acad.ufsm.br.

Dentre as diversas correntes de pensamento feminista sobre a violência, aqui se utiliza de uma criminologia feminista crítica ao modelo punitivista, demonstrando a insuficiência da resposta penal para atender às demandas de mulheres vítimas, sobretudo de mulheres LGBTQIAPN+ e racializadas. Aqui, entende-se que toda mulher é sujeita à violência generificada decorrente do processo de socialização, que obrigatoriamente implica na reprodução de macro e micro-violências cotidianas, entendendo de que forma as diferentes etiquetas (gênero, raça e classe), implicam em modos diferentes de manifestações dessa violência.

Segundo Martins (2021), a necessidade de proteção às mulheres é frequentemente utilizada para justificar o endurecimento penal, sem, no entanto, ser acompanhada de políticas públicas efetivas de assistência e prevenção. Evidencia-se assim, como já muito denunciado pelos movimentos feministas da América Latina, que a centralização da resposta penal como meio de “tutela” dos corpos femininos na verdade age de forma a acentuar as vulnerabilidades e punir mulheres que não se enquadram nos critérios das vítimas desejadas. À exemplo, cabe tratar a forma com que o Estado patriarcal reproduz a violência contra a mulher por meio do tratamento desigual às vítimas residentes em bairros periféricos e de classes econômicas mais baixas.

Em paralelo, a extensão universitária sob os moldes freireanos, atua como instrumento de aproximação da comunidade à academia, possibilitando a valorização de saberes historicamente apagados pelo saber-poder hegemônico. Sobre isso, o projeto também se ampara na perspectiva do conhecimento situado, como proposto por Donna Haraway (1995), que busca o deslocamento da hegemonia das perspectivas patriarcais e coloniais também na produção científica, priorizando as perspectivas dos chamados subjugados, justamente por partirem de um local em que se conhece os modos de negação pelo qual se impõem os saberes hegemônicos por meio da repressão, do esquecimento, e dos atos de desaparecimento.

Assim, o presente trabalho objetiva analisar as primeiras experiências junto ao grupo de mulheres formado pelo projeto de extensão “EnCorPA – Corpos, Política e Autonomia” da UFSM, buscando explorar seu potencial como instrumento de fortalecimento dos vínculos afetivos comunitários e consequente desenvolvimento de autonomia frente às situações de violência de gênero e estatal, em decorrência da constatada necessidade de desenvolvimento de

redes de apoio e construção de estratégias de autodefesa autônomas, que escapem da intervenção do saber-poder estatal.

3. Metodologia

Trata-se de estudo exploratório cujo objetivo é refletir sobre as oficinas realizadas pelo projeto de extensão EnCorPA ao longo do segundo semestre do ano de 2024, entre os meses de junho e dezembro, com base nos relatórios de extensão produzidos.

O referido projeto tem por objetivo a promoção de atividades extensionistas que promovam a capacitação e o debate acerca de questões atinentes a violência de gênero em suas diferentes representações e contextos, e se desenvolve por meio de oficinas e rodas de conversa organizadas junto das mulheres residentes do bairro Cerrito, com frequência quinzenal, sendo os temas e atividades propostas organizados conforme demanda comunitária. Para além do debate sobre a violência de gênero, também são realizadas atividades de cunho artístico-cultural visando o estreitamento dos vínculos afetivos entre as participantes.

Tais atividades se desenvolvem sob o viés metodológico de uma extensão universitária popular, como pensada por Paulo Freire (1983) através do termo “Comunicação”, visto que o conhecer se dá de forma coletiva, por meio das trocas realizadas entre os sujeitos, sendo a universidade sua co-participante.

Em sua primeira fase, as oficinas tiveram como principal objetivo a construção de um espaço comunitário em que as mulheres participantes pudessem se reunir. O formato da “oficina” atua como meio de intervenção coletiva no espaço, sendo que as temáticas são trazidas de forma fluída.

4. O projeto

4.1. O projeto EnCorPA e sua atuação

O projeto de extensão EnCorPA foi originado no início de 2024 a partir do interesse de estudantes, em sua maioria da graduação do curso de direito da UFSM, impulsionado pelos debates realizados no grupo de pesquisa de mesmo nome, por meio da leitura de obras da

criminologia crítica e abolicionismo penal, frente à frustração com os instrumentos estatais necropolíticos de gestão dos corpos e à necessidade do agir político no enfrentamento da violência de gênero.

O projeto objetiva a promoção de debates e ações sobre violência de gênero, fortalecendo redes comunitárias de apoio. Suas atividades incluem oficinas, rodas de conversa e de cunho artístico-cultural e os temas abordados são definidos conforme as demandas comunitárias. Em seu primeiro semestre de existência, as atividades foram realizadas junto às mulheres residentes do bairro Cerrito, em Santa Maria, sendo que a participação era aberta e não se cobrava assiduidade.

A escolha da comunidade se deu pela existência prévia de vínculo com participantes do projeto em razão de outra iniciativa já desenvolvida no território anteriormente, voltada à distribuição de materiais de higiene menstrual e conscientização das mulheres sobre educação sexual e menstrual. Com o término do projeto em razão de dificuldades materiais, se manteve o contato com a comunidade, que demonstrava sentir a ausência do espaço de encontro, então mensal, e mostrou-se receptiva a novas atividades.

4.2. *Os encontros*

Os encontros foram realizados em sua maioria durante as tardes de terça, com base na disponibilidade das moradoras, que também opinaram sobre as temáticas a serem trabalhadas quando da formação do grupo. Por ser um grupo de participação aberta, em que a maioria das participantes trabalhava de forma informal nas atividades de reciclagem ou trabalho doméstico, o número de participantes variava bastante, em média entre 3 a 12 mulheres.

Outro fator relevante é o caráter intergeracional do grupo, que ilustra outro aspecto das relações construídas entre mulheres, consubstanciada nas trocas de conselhos e apoio entre diferentes gerações. Notou-se, no entanto, maior resistência de participação entre as adolescentes e as mulheres jovens, acredita-se que em parte em razão da diferença de interesses e também por temerem o julgamento das mais velhas.

Enquanto as participantes mais velhas costumavam optar por oficinas de pintura ou atividade física, voltadas ao lazer e ao “ocupar o tempo”, as mais novas carregavam angústias

que as levavam a sugerir assuntos mais “práticos”, como orientação sobre direitos trabalhistas e a escuta terapêutica.

A previsão inicial era de que as oficinas iniciassem em maio de 2024, mas, em função das enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul naquele mês, não foi possível iniciar as atividades, tendo o grupo se mobilizado para a entrega de alimentos às famílias impactadas pela falta de água ocasionada pela chuva.

A primeira oficina foi realizada no dia 02 de junho, com o empecilho de que não foi possível o uso do habitual salão da igreja, pois os responsáveis haviam trocado a chave sem informar a líder comunitária previamente.

Participaram cerca de 12 mulheres, de idade entre os 18 e os 32 anos, todas mães, com exceção de uma menina de 18 anos. As cinco crianças que participaram, são todas pequenas, entre 01 e 03 anos de idade, com exceção de um menino, que tem 08 anos de idade.

Como não foi possível o acesso à igreja, as participantes sentaram na grama para realizar a roda de conversa. Sem o espaço, não foi possível realizar as oficinas programadas de pintura de autorretratos ou dos panos de prato.

As atividades foram inicialmente idealizadas para trabalhar com a ideia de autoestima. Foram inspiradas em atividade similar desenvolvida por outro grupo de extensão da UFSM, o Unidas, objetivando o fortalecimento da autoestima, sobretudo entre as mulheres, visto que, culturalmente, essas são as responsabilizadas pelo trabalho de cuidado em processo que, por sua vez, as impede que sejam capazes de reconhecer o próprio direito ao cuidado e ao afeto. A atividade também servia para apresentação e estreitamento de vínculos comuns entre as participantes. A pessoa deveria dizer seu nome e algo que gosta em si. Como incentivador da fala foram sugeridos adjetivos a serem utilizados e foram incentivadas a dizerem coisas que gostavam, caso não se sentissem à vontade em inicialmente dizer algo que gostam em si. Dentre os motivos citados para a dificuldade de participação na atividade estavam o de "não se pensar muito nisso" e o medo do julgamento externo.

Acabou se respondendo mais à pergunta "O que gosto de fazer". Quando questionadas se se consideravam boas naquilo que faziam, frequentemente a resposta vinha acompanhada de "eu acho que sou, mas não sei se os outros diriam" apesar de se frisar que o objetivo era falarmos sem pensar se os outros concordariam.

Perguntado se ninguém quer se descrever como "bonita", muitas mencionaram não se considerarem, ou que só conseguem gostar da própria aparência com "o cabelo liso", ou "maquiadas". Também mencionaram a dificuldade em encontrar produtos de maquiagem para seu tom de pele.

Realizada a atividade, uma das extensionistas questionou como se sentem sobre o ser mulher. A primeira resposta foi que "é difícil, e continua sendo difícil". Foi falado sobre violência, mas o grupo teve dificuldade em definir a palavra, falamos das estratégias que encontramos para proteger umas às outras, enquanto mulheres, e como era importante que conhecêssemos as demais mulheres que moram na nossa comunidade.

Uma das participantes mencionou que, por vezes, sente dificuldade em ser levada a sério pelo marido. Mencionou situações em que ele fez piadas que a incomodavam e não levou a sério quando ela protestou. Disse que os filhos às vezes repetem essas piadas e por isso acha importante continuar alertando o marido.

Reclamaram que os filhos não as levam a sério quando chamam a atenção por alguma coisa, só depois que crescem. Uma participante mencionou que por isso o filho mais novo (8 anos) acaba preferindo passar tempo com o pai.

Foi mencionado que é frequente essa tática de minimizar o que dizemos como "drama" ou "não saber brincar", por isso era importante que a gente converse, porque damos validade aos relatos umas das outras.

Foi explicado um pouco dos objetivos do projeto, como se organizava, como funcionava com a Universidade. Ao mencionar a universidade surgiu o assunto do trabalho. Apenas uma das presentes trabalhava de carteira assinada. Foi mencionada a possibilidade de registro da condição de autônoma na carteira de trabalho, sendo possível o registro de todo tipo de ocupação. Uma delas mencionou que foi assim que conseguiu sua licença maternidade em sua última gestação. As meninas de 17 e 18 anos já não estudavam, mas todas iniciaram o ensino médio.

Após aproximadamente 01h30min de conversa encerramos a roda. Durante toda a atividade as crianças ficaram pintando na grama com as aquarelas que tínhamos trazido. Foram feiras as despedidas, pois algumas tinham que buscar os filhos na escola às 17h. Na localidade tem escola próxima, mas não há unidade de saúde ou ESF relativamente próxima. Foi combinado que as atividades serão realizadas nas terças, nesse horário, a cada 15 dias.

No mês de julho, a primeira oficina foi realizada no dia 16 de julho. A oficina iniciou com a leitura de uma carta do livro *Cartas para minha vó*, de Djamila Ribeiro (2021). A partir desse estímulo, as participantes foram convidadas a escrever cartas para si mesmas, gerando debates sobre maternagem, família, autocuidado e mudanças pessoais. O grupo também deixou um exemplar do livro para a construção de uma biblioteca comunitária.

No dia 13 de agosto, após pedidos das participantes, passaram-se a realizar atividades de cunho artístico. Nos primeiros encontros o grupo ainda não contava com o auxílio de uma artesã, dependendo da ajuda mútua e dos conhecimentos prévios de cada uma. A atividade era de pintura de panos de prato, e as perguntas norteadoras do encontro centravam-se em compreensões sobre a moradia e o trabalho reprodutivo desenvolvido cotidianamente pelas participantes.



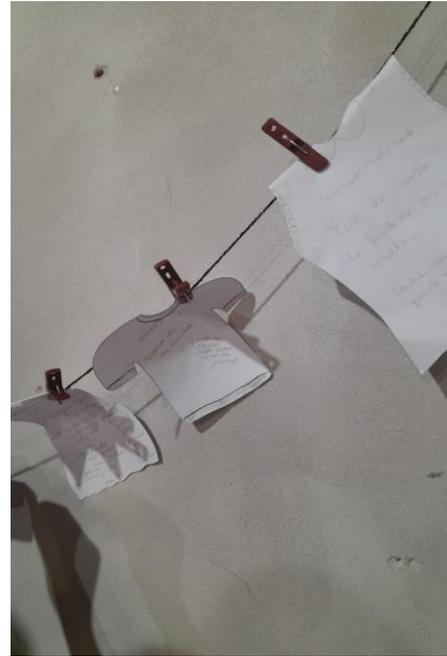
Figuras 1 e 2 - Imagens da oficina de pintura de panos de prato - Acervo pessoal

Buscando continuar o caminho traçado no desvendar das subjetividades presentes no grupo, a oficina do dia 27 teve como tema o desenho do corpo. Nessa etapa, o grupo já contava com colaboradoras das áreas da psicologia e do teatro, que contribuíram na construção da atividade.

O encontro gerou maior resistência com relação aos demais, em parte pelo caráter de maior subjetividade da proposição, sendo visível o desconforto, inclusive entre as estudantes extensionistas, em representar o corpo. Com o incentivo para fazerem representações abstratas, muitas representaram suas dores, como a dor de cabeça ou a dor nas pernas ao final do dia.

Após essas três oficinas introdutórias, o mês de setembro teve como foco principal a introdução das oficinas de macramê, cujos materiais foram adquiridos após arrecadação em evento feminista do curso de Direito da UFSM. A atividade foi conduzida por umaicineira que trabalhou de forma voluntária junto ao grupo. As participantes ficaram muito entusiasmadas, inclusive com a possibilidade de venderem as artes produzidas em oficinas de artesanato locais.

Um momento marcante do semestre se deu no final de setembro com a oficina do “Varal de Frustrações”, inspirada em atividade realizada em grupos de mulheres em situação de violência de gênero, desenvolvida em um programa de extensão da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), no Estado do Rio Grande do Sul. Na atividade, as participantes escreveram suas frustrações em papéis recortados no formato de roupas, pendurados em um varal. Após cada mulher “recolhia a roupa” que também lhe cabia. A oficina aconteceu em um dia chuvoso, no final do ano, e o “desabafar” permitiu momento de catarse para as participantes.



Figuras 3 e 4 - Registros da oficina de macramê e do “Varal das Frustrações” - Acervo pessoal

O semestre se encerrou no final de novembro com a oficina "Tricô e Fofocas: Costurando Afetos". O tricô é a arte de entrelaçar fios e tecer peças e acessórios, e a fofoca é momento de afinidade, encorajamento e liberdade para desabafar sobre si ou conhecer e amparar a realidade do outro, com afeto e sensibilidade. Por meio de oficina de tricô, as

participantes do projeto foram convidadas à universidade para apresentarem os trabalhos feitos ao longo do semestre e conversar sobre suas impressões e experiências. O encontro focou na temática do feminismo e do envelhecimento, sendo norteado pela leitura do conto “Feliz Aniversário” de Clarice Lispector.

5. Considerações finais - Grupos comunitários como formas alternativas de resistência

Os grupos comunitários se consolidam como espaços de resistência e amadurecimento do pensamento feminista, propondo alternativas ao modelo punitivista tradicional. Assim, experiências como o EnCorPA demonstram a potência dos coletivos feministas na construção de novas formas de cuidado e proteção, baseadas na solidariedade e na autonomia.

A construção coletiva do conhecimento dentro das oficinas possibilita que as participantes contextualizem suas experiências e fortaleçam sua autonomia. Dessa forma, o que emerge das rodas de conversa e das atividades propostas é um saber que dialoga com as vivências concretas das mulheres envolvidas, rompendo com a lógica tradicional do ensino superior que frequentemente ignora esses saberes.

As experiências positivas trazidas pela primeira fase do projeto demonstram seu êxito, e, no curso de 2025, as atividades devem prosseguir com maior foco no debate sobre violência, vez que melhor estabelecido o vínculo com a comunidade. Também pretende-se intercalar atividades de geração de renda dado o grande entusiasmo das participantes com as oficinas de macramê.

Referências

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7–41/2009. Campinas, São Paulo. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

MARTINS, Fernanda. **Feminismos Criminológicos**. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2021.

MENEGHEL, Stela Nazareth. Cotidiano ritualizado: grupos de mulheres no enfrentamento à violência de gênero. **Ciência e Saúde Coletiva**. n. 10. v. 1. mar. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000100018>. Acesso em: 20 fev. 2025